



Jesus na cruz entre os dois ladrões (1619-1620).
Rubens, Museu Real de Belas Artes de Antuérpia,
Bélgica.

**uma semana
sob protesto!**

ESCREVO EM SEXTA-FEIRA. Sem vontade anímica de escrever seja o que for. Apenas a repulsa, a indignação, quase o sufoco toldam-me a alma e algemam-me o corpo. Porque – e por mais que a chamem Santa – esta sexta-feira é sangrenta, criminosa, demoníaca. O ‘Príncipe das Trevas’ (como predissera a própria Vítima) tomou conta do mundo, tudo quanto de peçonhento e desumano e cruel possa atribuir-se ao espírito diabólico injectou-se nos ossos e nas veias das forças dominantes, infectou a atmosfera judaica e cevou-se no corpo frágil de um jovem sonhador de um outro Israel, reino novo, era nova, mundo novo.

Desde há oito décadas – tinha eu cinco ou seis anos de idade, habituado às celebrações sacras da ensanduichada “Semana Santa” – este foi o ano em que me mantive afastado, direi mesmo imune aos incensos turvos, às encenações de teatro infante-senil, roupagens folclóricas, com que as igrejas e o mundo em geral pretendem encobrir o drama, a tragédia e o hediondo crime perpetrado contra Jesus de Nazaré. De há cerca de cinquenta anos que, em chegando a esta altura, afirmava publicamente que celebrava esta Semana, sim, mas sob protesto.

Começando pelo “Domingo de Ramos”, aquela manhã radiosa –

mais forte que a luz do sol nascente era o lume vivo que ressumbrava da multidão alvoroçada – fez estremecer os magnatas furiosos do Templo de Jerusalém que maquinavam a morte do Nazareno: uma manifestação civil, desinibida e livre, genuína e anti-litúrgica (o próprio Mestre concordou, pode dizer-se que a provocou), em que estiveram frente a frente o supremo poder religioso-institucional e o poder popular. Sem a força do Povo nunca teria havido Domingo de Ramos. Os rituais que a instituição eclesiástica promove para um dia tão expressivo roçam as raias do ridículo com as opas, as fardas oficiais, as capas sumptuosas aos ombros do celebrante-presidente. E Jesus montado no mais humilde asinino, um “jumento, animal de carga”... O desafio foi tremendo: quando os sumos-sacerdotes do Templo mandaram calar o povo, Jesus respondeu com uma eloquência retumbante, ameaçadora: “Se eles se calarem, serão as próprias pedras a manifestar-se, estralejando, elas saltarão dos caminhos”! Perante o que se passa actualmente, não há melhor definição: *Ridicule, mais charmant!*

Procissões medievais, crepes sobre crepes, desnudação dos altares, enterros do Senhor sob pálios bordados a ouro e bandas acompanhantes, hissopes e águas-bentitas, descerramento dos cruci-

fixos, fúnebres espectáculos bra-
carenses, autoflagelações filipinas,
antífonas e quejandos – não have-
rá mais artefactos engenhosos e
pílulas pias para esconder o facto
histórico: Mataram um Homem!!!
E ninguém pergunta quem O
matou? Onde o ‘Pregador’ que
desmonte esse pré-elaborado mas
caduco artifício instrumental e
explique as razões por que O ma-
taram?!... Não perca tempo com o
supérfluo. Leia o que está escrito e
desentranhe o secreto corredor
que vai do Pretório de Pilatos ao
Sinédrio dos sumos-sacerdotes
Anás e Caifás. Aí, a interminável
aliança entre o poder político e o
poder religioso, a antecipada In-
quisição satânica que os suporta!
Até hoje e até sempre!

Eles ainda estão vivos por aí, os
assassinos de Jesus.

Perguntem a Cirilo, patriarca cris-
tão de Moscovo, em que pensa
quando, diante de Putin, celebram
os dois no mesmo templo a Paixão
e Morte de Jesus! Ocorrer-lhe-á
alguma coincidência reincarnada
de Caifás e Pilatos?...

E na Palestina, Cisjordânia, Faixa
de Gaza, Rafah... Desde o fatídico
7 de Outubro – em cinco meses
apenas – assassinaram 34.000
vezes a Jesus, na sua própria pá-

tria! Jovens, crianças, mulheres,
idosos – todos repercutem ao
mundo idêntico grito de há dois
mil anos: “Por que nos abando-
nastes?”.

Tinha razão Blaise Pascal:

*Jesus estará em agonia até ao fim
dos tempos.*

Por isso, não me empoeirem o ar
nem defraudem a história, com
adereços despropositados, falacio-
sos. Há factos que, pelo seu peso e
mensagem, são irrepetíveis, abso-
lutamente inimitáveis. Eis a razão
por que, aos rituais de piedosa
diversão, preferi nesta sexta-feira
estar perto de alguém que, aos 96
anos e amarrada à cruz do seu
leito, aguarda o dia da partida.



© UNICEF Eyad El Baba.

Crianças olham para suas casas destruídas na
cidade de Rafah, no sul da Faixa de Gaza.

Em cada dia, há sempre uma Sex-
ta-feira da Paixão.

E em cada dia, há um Domingo de
Páscoa que espera pela nossa Ac-
ção.

José Martins Júnior é padre católico da diocese do Funchal.

(01-04-2024) [Uma semana sob protesto!](#) | [Sete Margens](#)

Celebramos hoje a Ressurreição do Senhor

CELEBRAMOS HOJE A RESSURREIÇÃO DO SENHOR. São Lucas e os outros evangelistas, todos dizem que as mulheres que tinham acompanhado Jesus e lhe foram levar perfumes, como hoje levamos flores, encontraram o túmulo vazio. “Porque procurais entre os mortos aquele que está vivo?”.

Ninguém viu o Senhor ressuscitar, ninguém soube contar como foi. Dizem os historiadores que a ressurreição não é um ato histórico. Numa cultura como a nossa, em que o que não se pode demonstrar não é, não existe, a ressurreição é objeto de dúvidas para muita gente, sobretudo das pessoas ditas cultas. Mas não nos admiremos, essa dúvida sempre existiu. É o próprio S. Paulo que nos diz: se Cristo não ressuscitou, toda a nossa fé é vã. A questão que nos devemos colocar é como entendemos nós a ressurreição, qual é a nossa fé na ressurreição e como devemos nós testemunhá-la?

Vamos ver que significado tem a palavra ressurreição. O primeiro sentido é ressurgir, levantar-se, pôr-se de pé. Maria Madalena viu o Senhor de pé. (Jo 20,14). E nós ficámos com a ideia de que, depois da ressurreição, Jesus ficou como dantes.

Mas, quando os autores do Novo Testamento falam do fenómeno da ressurreição, relatam outras expressões muito ricas para falar de Jesus, depois da sua morte.

São João diz que “Deus o glorificou” (Jo, 7,39), também que “Jesus passou deste mundo para seu Pai” (Jo 13,1). São Paulo, na carta aos Filipenses, diz-lhes assim: “exaltado acima de todo o poder, na terra e nos céus, foi sentado à

direita do Pai” (isto é, pelo poder do Pai). Estas palavras afirmam que depois do aniquilamento, da humilhação, da obediência na cruz, o servo sofredor se encontra agora elevado junto do Pai, que lhe confere o nome de Deus que está acima de toda a criatura. Estes conceitos de “exaltação e elevação” são utilizados, nos livros do Novo Testamento tal como é utilizada a palavra ressurreição. Mas há outras expressões. Jesus, depois da morte também é chamado “Aquele que está vivo”, expressão tão querida por São Lucas. Aquele que acedeu à vida plena de Deus. Outro nome muito usado pelos primeiros cristãos, para exprimir o Cristo ressuscitado, que nós hoje ainda usamos, sem lhe atribuir o mesmo significado, é o nome “Senhor”. Jesus é Senhor, isto é, “Deus”. Senhor que venceu a morte. Cristo desceu aos infernos. Os infernos eram o lugar dos mortos. Cristo morreu verdadeiramente. E ao terceiro dia, subiu aos céus. Venceu a morte. “Este Jesus, que Deus ressuscitou, e disso, nós somos testemunhas. Deus fez dele Senhor e Cristo, este Jesus que vocês crucificaram.” (At, 2, 32-36). “Deus o elevou pelo seu poder e lhe conferiu o nome que está acima de todo o nome, para que toda a boca confesse que o Senhor é Jesus Cristo.” (Ph 2, 9-11). E mais tarde, o dia da ressurreição será chamado o dia do Senhor. Também a palavra Páscoa significa a ressurreição do Senhor. “Esta é a Páscoa do Senhor” (Jo, 13,1). É a passagem do Senhor. A passagem de Jesus para seu Pai.

Como nos damos conta, há muitas expressões para dizer, para narrar a ressurreição de Jesus.

Nós não temos uma reportagem, muito menos um filme da ressurreição, mas temos imensos testemunhos da fé da Igreja primitiva, da Igreja contemporânea da morte e ressurreição do Senhor. Esta fé da comunidade apostólica constitui um elemento histórico.

A Bíblia conta-nos como esta fé se vai desenvolvendo, vai crescendo.

Primeiro, é o túmulo vazio, é o luto do mestre, do Senhor. Segue-se o temor do sagrado, do transcendente perante os anjos de vestes brilhantes. A narração do túmulo vazio é a narração duma revelação. “Porque procurais, entre os mortos, aquele que está vivo?”. Não tendes que o procurar entre os mortos. Ele está vivo. “Lembraí-vos do que vos disse na Galileia: o Filho do Homem será entregue às mãos dos pecadores, será crucificado e ao terceiro dia ressuscitará”. O tempo de luto é propício a recordar e a entender as mensagens de quem nos é querido. E quantas vezes não falou Jesus, da sua morte e ressurreição?

A Boa Nova da ressurreição foi divulgada, em primeira-mão pelas mulheres, ao resto da Igreja. Honra às mulheres de ontem e de hoje, que sem reconhecimento, ousam anunciar a ressurreição do Senhor. Não acreditaram nelas. E depois foi Pedro, que correu ao sepulcro, para confirmar e nos confirmar.

Jesus ressuscitado ou glorioso aparece aos dois discípulos a caminho de Emaús. Esta passagem está carregada de simbolismo e de poder pedagógico. Lucas conhecia os métodos pedagógicos dos mestres gregos, que ensinavam caminhando. A caminhada, a peregrinação a pé, pode ser um itinerário para a fé e pela fé. É um encontro consigo, com os outros e com Deus. Primeiro, Jesus,

um desconhecido. Quando Jesus abençoa o pão e o reparte, os seus olhos abriram-se para a fé no ressuscitado.

“Nós vimos o Senhor. O Senhor ressuscitou e apareceu a Simão” Lc 24,34.

Nós somos todos testemunhas de que este Jesus, Deus o ressuscitou.” At 2,32.

Paulo, aos Romanos, fala de como era vivida e transmitida, na Igreja, a fé na ressurreição. Eu não hesito em transcrever esta fé vivida com paixão por Paulo.

“Na verdade, eu vos transmiti, em primeiro lugar, o que eu mesmo recebi: que Cristo morreu pelos nossos pecados, segundo as Escrituras; que foi sepultado; que ressuscitou ao terceiro dia, segundo as escrituras, e que apareceu a Pedro, depois aos Doze. Posteriormente apareceu a mais de quinhentos irmãos de uma vez, dos quais muitos ainda vivem, outros já morreram. Depois apareceu a Tiago, depois a todos os apóstolos. E depois de todos, como a um filho abortivo, apareceu também a mim.

Se Cristo não ressuscitou, é vã a nossa pregação e vã a vossa fé. Pois, se os mortos não ressuscitam, também Cristo não ressuscitou. E se Cristo não ressuscitou, vã é a vossa fé, e ainda estais em pecado. E até os que em Cristo morreram, pereceram. Se só temos esperança em Cristo para esta vida, somos os mais miseráveis de todos os homens”.

A fé na ressurreição, foi o Espírito Santo que a soprou e foi a força com que aqueles homens e mulheres partiram, a anunciar a Boa Nova, por toda a terra, dando a vida, para que todos tenham a vida, como o seu Mestre.

